

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TABATINGA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ANA PAULA ESTRELLA MARIN

**EDUCAÇÃO ESPECIAL: MÉTODOS UTILIZADOS PELOS PROFESSORES EM
SALA DE AULA COM CRIANÇAS DO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO
AUTISMO – (TEA)**

Tabatinga-AM

2021

ANA PAULA ESTRELLA MARIN

**EDUCAÇÃO ESPECIAL: MÉTODOS UTILIZADOS PELOS PROFESSORES EM
SALA DE AULA COM CRIANÇAS DO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO
AUTISMO – (TEA)**

Projeto de pesquisa apresentado à Universidade do Estado do Amazonas – Centro de Estudos Superiores de Tabatinga, como requisito para obtenção de nota parcial na disciplina Métodos e Técnicas de Estudo e Trabalho Científico.

Orientadora: Ma. Weneândia Márcia Bruno dos Santos

Tabatinga-AM

2021

ANA PAULA ESTRELLA MARIN

**EDUCAÇÃO ESPECIAL: MÉTODOS UTILIZADOS PELOS PROFESSORES EM
SALA DE AULA COM CRIANÇAS DO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO
AUTISMO – (TEA)**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do grau de licenciado em Pedagogia
pela Universidade do Estado do Amazonas.

Aprovado em _____ de _____ 2021

BANCA AVALIADORA

Prof. Dr.
Universidade do Estado do Amazonas/UEA

Prof. MsC.
Universidade do Estado do Amazonas/UEA

Prof. MsC.
Universidade do Estado do Amazonas/UEA

**Tabatinga – AM
2021**

DEDICATÓRIA

Dedico com todo coração aos meus queridos pais, minha mãe Eliana Rojas Estrella, professora e, meu maior exemplo e, ao meu querido pai Willer Marin Souza, que nos surpreendeu nossas vidas, sofremos muito com sua partida no final de 2020, decorrente por essa grande pandemia da COVID-19.

E por fim, dedico a todas aquelas famílias que perderam algum ente querido para esse vírus que atingiu todo o mundo.

AGRADECIMENTOS

Muitas são as dificuldades, porém da mesma maneira muitos são os agradecimentos.

Agradeço primeiramente a Deus pela minha vida e saúde, e a Nossa Senhora por interceder perante ao Pai, por me cobrir com seu manto sagrado e por me ajudarem a ultrapassar todos os obstáculos encerrados ao longo do curso.

Agradeço a minha família, por me incentivarem sempre a seguir com meus estudos, por estarem sempre comigo nos momentos difíceis e compreender a minha ausência enquanto eu me dedicava a realização dos meus trabalhos.

Um agradecimento especial a minha querida mãe Eliana Rojas Estrella, meu pai Willer Marin Souza, as minhas irmãs Olga Lucia Estrella Marin e Laura Sofia Estrella Marin e meu marido Sebastião Souza da Silva, por sempre estarem ao meu lado na alegria e na tristeza.

No percorrer da minha caminhada pela UEA, tive o privilégio de conhecer e construir grandes laços de amizade, em especial Vanessa Melo, Patricia Valente, Rosineide Lopes e Karina Menezes, e agradeço a cada uma pela parceria e paciência no decorrer desses últimos cinco (5) anos.

Agradeço de coração aberto a minha querida orientadora Wanelândia Márcio Bruno dos Santos, pela paciência, parceria e dedicação para comigo, sendo uma grande professora e amiga da família.

Agradeço todo carinho dos Professores do Curso de Licenciatura em Pedagogia, em especial a Professora Ma. Rosi Meri Bukwitz, Professora Darcimar Souza Rodrigues, Professor Jorge Barbosa e Professor Eloy Lima Menezes.

E, por fim, a todos que contribuíram direta e indiretamente para que todo esse trabalho fosse concluído.

Do lado de fora, olhando para dentro, você nunca poderá entendê-lo. Do lado de dentro, olhando para fora, você jamais conseguirá explicá-lo. Isso é autismo”.

Autism Topics.

LISTA DE SIGLAS

ABA – Análise Aplicada do Comportamento

ADEFPA – Associação dos Deficientes Físicos do Amazonas

ADEME – Associação Amazonense de Integração de Pais de Deficientes Mentais

AMA/AM – Associação de Amigos do Autista no Amazonas

APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

CIEEI – Centro Integrado de Educação Especial

PECS – *Picture Exchange Communication System*

TA – Tecnologia Assistiva

TEA – Transtorno do Espectro do Autismo

TEACCH – *Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children*

TGD – Transtorno Global de Desenvolvimento

RESUMO

O trabalho iniciou com inquietações sobre os problemas enfrentados em sala de aula por professores no que diz respeito aos melhores métodos que possam ser utilizados com crianças que possuem o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Este transtorno é considerado uma síndrome comportamental desde seu nascimento, manifesta-se invariavelmente até seus dois anos de idade, fazendo com que o indivíduo possua dificuldades de interação e afetividade. Com isso, este estudo teve como objetivo investigar as metodologias do ensino utilizadas pelos professores no processo de aprendizagem da criança autista através de levantamento bibliográfico, tendo em vista de como os professores desenvolvem seus métodos e técnicas para ensino das crianças autistas, identificando as dificuldades encontradas pelos professores quando não há participação da família na educação das crianças autistas e destacar a importância da capacitação dos professores para a prática docente com alunos autistas. A linha de pesquisa foi sobre a Educação Especial na perspectiva inclusiva, onde a metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica juntamente com a documental, sendo analisadas obras como de Bezerra (2017), onde sua obra foi sobre “Educação inclusiva: importância e dificuldades dos cuidadores no processo de desenvolvimento cognitivo das crianças com deficiência em Tabatinga-AM”; Saquiray (2017) sendo sua obra sobre “a importância do teatro na formação educacional de alunos com deficiências no Centro Integrado de Educação Especial (CIEEI) professora Esmeralda Aparício Negreiros no município de Tabatinga-AM”. Além de outros autores como Moreira (2005), Orrú (2012); Mantoan (2006), Galdino (2011), Rotta 2007). Este trabalho refletiu desde o histórico da Educação Especial no Brasil, expondo desde então o quão ela foi discriminada e deixada de lado, pois no papel muito se poderia fazer, porém onde se via refletir a desigualdade ou descaso era, ou melhor dizendo, ainda é no dia a dia.

Palavras-Chave: TEA. Educação Especial. Métodos. Crianças.

RESUMEN

El trabajo comenzó con inquietudes sobre los problemas que enfrentan los maestros en el aula con respecto a los mejores métodos que se pueden usar con los niños que tienen el trastorno del espectro autista (TEA). Este trastorno es considerado un síndrome conductual desde el nacimiento, invariablemente se manifiesta hasta los dos años, provocando que el individuo tenga dificultades en la interacción y la afectividad. Así, este estudio tuvo como objetivo investigar las metodologías de enseñanza utilizadas por los docentes en el proceso de aprendizaje de los niños autistas a través de una revisión de la literatura, en vista de cómo los docentes desarrollan sus métodos y técnicas para la enseñanza de los niños autistas, identificando las dificultades que encuentran los docentes cuando no existe participación familiar en la educación de los niños autistas y resaltar la importancia de la formación de profesores para la práctica docente con estudiantes autistas. La línea de investigación fue Educación Especial en perspectiva inclusiva, donde la metodología utilizada fue la revisión de la literatura junto con el documental, analizándose trabajos como el de Bezerra (2017), donde su trabajo fue sobre "Educación Inclusiva: importancia y dificultades de cuidadores en el proceso de desarrollo cognitivo de niños con discapacidad en Tabatinga-AM "; Saquiray (2017) siendo su trabajo sobre "La importancia del teatro en la formación educativa de estudiantes con discapacidad en el Centro Integrado de Educación Especial (CIEEI) de la maestra Esmeralda Aparício Negreiros en el municipio de Tabatinga-AM". Además de otros autores como Moreira (2005), Orrú (2012); Mantoan (2006), Galdino (2011), Rotta (2007). Este trabajo reflejó desde el histórico de la Educación Especial en el Brasil, exponiendo desde entonces lo cuanto ella fue discriminada y dejada a un lado, pues en el papel mucho se podría hacer, pero donde se veía reflejar la desigualdad o descaso era, o mejor diciendo, todavía es en el día a día.

Palabras clave: TEA. Educación especial. Métodos. Niños.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO	12
1.1 História da Educação Especial no Brasil.....	12
1.2 Educação especial.....	14
1.3 Deficiência: Desafios de Conceitos para Sociedades Antigas e Atuais	20
1.4 Breve comentário da Educação Especial no Amazonas	21
1.5 Currículo, método e estratégias para o ensino e aprendizagem dos sujeitos autistas	22
CAPÍTULO II – METODOLOGIA	24
CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	26
3.1 Histórico e conceito: O transtorno do Espectro Autista	26
3.2 Definição de métodos e estratégias com crianças do TEA	27
3.3 Utilização de métodos pelos professores em sala de aula com sujeitos do TEA	28
3.4 A trajetória da Educação Especial e da Educação Inclusiva no município de Tabatinga-AM.....	30
3.5 Inclusão de alunos no Centro Integrado de Educação Especial e Inclusiva Esmeralda Aparício Negreiros	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37

INTRODUÇÃO

Um dos problemas mais frequentes em uma sala de aula é a metodologia do professor na qual não é abrangente para a compreensão e assimilação do conteúdo proposto aos alunos com autismo. No entanto, nesse meio de problemas presentes em uma sala de aula, está o caso de crianças com necessidade educativas, onde eles requerem um auxílio e atenção maior para seu desenvolvimento psicológico, cognitivo, intelectual, social e pedagógico.

O problema é visto como um meio a ser investigado, ou seja, após surgir o problema se requer ideias para fins de encontrarem-se soluções ou até maneiras mais compreensíveis para se tratar do problema exposto. Portanto, estas soluções foram encaminhadas na pesquisa e, no decorrer desta leitura.

Entende-se que em uma sala de aula não existe apenas o problema com crianças com necessidades educativas especiais, porém o foco dessa pesquisa está voltado aos métodos utilizados pelo professor em sala de aula com crianças portadora do Espectro do Autismo. Diante disto, procurou-se saber por meio de questões norteadoras, que nortearam este trabalho: quais são os meios pedagógicos utilizados pelo professor para o ensino e desenvolvimento dessas crianças autistas? Qual a maneira encontrada pelo professor para auxiliar essas crianças a um meio social, sabendo que o autista tem como manifestação mais comum a interação social (não gosta de comunicação e parcialmente não tolera o toque). Qual o auxílio que o professor tem para exercer esse trabalho em sala de aula? Qual o lugar mais adequado para crianças especiais, em centros especializados ou em um colégio regular? O que de certa forma direcionou esta pesquisa?

São vários os problemas encontrados ao se desenvolver uma metodologia para crianças especiais, começando pelo professor especializado na área até o envolvimento dos pais das crianças, para fins de interação escolar e familiar, onde a criança tem total apoio e atenção para o seu desenvolvimento.

Portanto, entre as várias problemáticas encontradas, o objetivo do trabalho é investigar o que é/ou deveria de ser importante para o nosso meio social, o desenvolvimento pessoal e social de crianças autistas, suas características até o método utilizado pelo educador para seu desenvolvimento, do descobrimento do autismo até o convívio com a mesma.

Escolheu-se essa temática por haver inquietações por parte da pesquisadora do trabalho, onde o interesse ocorreu no exato momento em que percebemos como a inclusão dessas crianças foge da teoria.

Apesar da ampla discussão em torno dessa temática, ainda há uma série de limitações quanto à prática da inclusão e o papel do professor, para que o mesmo esteja preparado para lidar com as dificuldades provindas do ensino voltado para a criança com necessidades educativas. Com isso, a relevância deste estudo, será de suma importância a uma resposta para professores que trabalham na com crianças portadoras de necessidades educativas especiais.

A questão da inclusão de crianças autistas é uma tarefa que demanda comprometimento com a educação, visando o seu desenvolvimento social, psicológico e pedagógico. E assim juntamente com a família como responsável pela educação dos filhos exige responsabilidade, comprometimento, dedicação e dentre outros fatores que contribui para o seu desenvolvimento. No entanto, as estratégias de ensino dos professores contribuem ou não para a aprendizagem do aluno autista? Os professores de crianças autistas estão preparados ou não para lidar com as dificuldades provindas para o ensino?

Com isso, este estudo teve como objetivo geral é investigar as metodologias do ensino utilizadas pelos professores no processo de aprendizagem da criança autista através de levantamento bibliográfico, tendo em vista de como os professores desenvolvem seus métodos e técnicas para ensino das crianças autistas, identificando as dificuldades encontradas pelos professores quando não há participação da família na educação das crianças autistas e destacar a importância da capacitação dos professores para a prática docente com alunos autistas.

O trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo apresenta-se o referencial teórico, em que se baseia o estudo, para melhor entendimento científico. No segundo capítulo contem a metodologia utilizada descrita de forma minuciosa no município de Tabatinga, onde desenvolveu-se os caminhos da pesquisa. Já o terceiro capítulo apresenta-se os resultados e discussão dos dados obtidos em através de consulta de outros trabalhos com a mesma temática, no *Google Acadêmico*, livros, revistas e as considerações finais.

CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 História da Educação Especial no Brasil

O início da Educação Especial se deu no Brasil, no momento em que a sociedade vivia sob a influência do liberalismo, que sustentou as tendências republicanas e abolicionistas (MAZZOTTA, 1996).

No decorrer do século XIX, no Brasil, a instituição escolar foi lentamente se fortalecendo. No entanto, segundo Faria Filho (2000), o afastamento da família em relação à escola constituiu uma preocupação nos dias de hoje, visto o desinteresse dos pais, principalmente das camadas populares, para com a educação dos seus filhos. Esse é um problema que, de acordo com o autor, deve ser analisada historicamente, pois pode ser uma das explicações para muitos problemas no campo da Educação.

Falando sobre Educação Especial, Bueno (1993), assim como Mendes (2001), evidencia, como marco no Brasil, a criação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos e do Instituto dos Surdos-mudos, na cidade do Rio de Janeiro.

A fundação desses dois Institutos representou uma grande conquista para o atendimento dos indivíduos deficientes, abrindo espaço para a conscientização e a discussão sobre a sua educação. No entanto, não deixou de “se constituir em uma medida precária em termos nacionais, pois em 1872, com uma população de 15.848 cegos e 11.595 surdos, no país eram atendidos apenas 35 cegos e 17 surdos” (MAZZOTTA, 1996, p. 29), nestas instituições.

Mendes (2006) fala que desde o século XVI a história da educação no Brasil vem sendo traçada. Médicos e pedagogos daquela época já começavam a acreditar na possibilidade de educar os indivíduos considerados ineducáveis. Entretanto, naquele momento, o cuidado era meramente assistencialista e institucionalizado, por meio de asilos e manicômios

Segundo Miranda (2008) a Educação Especial se caracterizou por ações isoladas e o atendimento se referiu mais às deficiências visuais, auditivas e, em menor quantidade as deficiências físicas. Pode-se dizer que com relação a deficiência mental houve um silêncio quase absoluto.

Como consequência, nos anos de 1930 e 1940, o número de entidades para atendimento de deficientes aumentou de forma significativa. Com relação aos deficientes mentais, surgiram as Sociedades Pestalozzi de Minas Gerais, do Brasil e

do Rio de Janeiro, além da fundação Dona Paulina de Souza Queiroz, em São Paulo (1936). Em 1941, no Recife, surgiu a Escola Especial Ulisses Pernambucano e a Escola Alfredo Freire (BUENO, 1993).

Já segundo Jannuzzi (1992), apesar das reformas observadas no sistema educacional, a expansão dos serviços de Educação Especial permanecia muito tímida no Brasil: em 1930, existiam 16 locais para a educação de deficientes mentais, subindo para 22 estabelecimentos, em 1935.

Com isso, embora a Constituição de 1824, primeira no país, promettesse a educação primária e gratuita a todos, esta foi relegada ao esquecimento. Januzzi (1992) aponta também que:

A educação popular, e muito menos a dos “deficientes mentais”, não era motivo de preocupação. Na sociedade ainda pouco urbanizada, apoiada no setor rural, primitivamente aparelhado, provavelmente não eram considerados “deficientes”; havia lugar, havia alguma tarefa que executassem. A população era iletrada em sua maioria, chegando a 85% o número de analfabetos, entre todas as idades (p. 23).

No período de 1937 a 1945 o Brasil passa pelo Estado Novo, sendo observado um retrocesso no processo de democratização do ensino, através de uma política centralizadora da Educação, com um forte controle estatal em todos os setores sociais, e um certo fortalecimento do Ensino Superior (MENDES, 2000).

Com isso, segundo Vidal e Faria Filho (2003), foi a partir dos anos de 1960 e início de 1970, com o surgimento de programas de pós-graduação e pesquisas em educação, começou uma crescente produção de trabalhos em história da educação no Brasil.

A necessidade de uma política de Educação Especial, foi se delineando nos anos 70, quando o Ministério da Educação assumia que a clientela da Educação Especial era a que requeria cuidados especiais no lar, na escola e na sociedade. Em 1986 a expressão "alunos excepcionais" foi substituída por "alunos portadores de necessidades especiais" (BUENO, 1993).

Finalmente, na década de 80, desabrocharam no Brasil correntes oriundas do movimento de integração e normalização da Europa e dos Estados Unidos que valorizaram cada ser humano, pertencente ou não às "minorias". Assim, as pessoas com necessidades especiais, seus familiares e profissionais, foram à luta para conseguir duas importantes conquistas: integração e direitos iguais (CANZIANI, 1995).

E o século XX terminou sem que a integração, apoiada amplamente em diversos documentos legais, chegasse a ser concretizada de fato, uma vez que ainda é muito grande o número de alunos em escolas especiais e em classes especiais. Contudo, pesquisas mostram que nem sempre os serviços especiais cumprem efetivamente seu fim (MAZZOTTA, 1996; OMOTE, 2000).

Omote (1999) revela que a manutenção prolongada de alunos em classes especiais para deficientes mentais pode ser uma outra evidência do mau uso dessa modalidade de atendimento em Educação Especial.

Assim, em 1986 é criada a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência; em 1990 a Secretaria Nacional de Educação Básica assume a responsabilidade na implementação da política de educação especial (MENDES, 2001).

E em 1994, promovida pelo governo da Espanha e pela UNESCO, foi realizada a Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais, que produziu a Declaração de Salamanca, tida como o mais importante marco mundial da difusão da filosofia de educação inclusiva (MENDES, 2006).

Outro método também utilizado pelos professores é as AC que são concebidas como individualizações dos métodos de ensino, dos conteúdos, do programa e sua temporalidade e da avaliação. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), menciona em seu art. 59, inciso I que os sistemas de ensino devem assegurar aos educandos técnicas, currículos métodos, organização e recursos educativos, bem como “recursos educativos e organização específica, para atender às suas necessidades.

1.2 Educação especial

Voltando o autismo para a aprendizagem, sabe-se que aprendizagem de qualidade, o necessário é a comunicação e a interação, pois a criança aprende com o meio, e como no caso do autismo a principal dificuldade é a comunicação, o seu desenvolvimento tende a ser lento e repetitivo.

A aprendizagem de crianças com TEA baseia-se no profissional especializado. O desenvolvimento da criança depende muito do comprometimento do professor, e para isso seja uma vertente positiva, e assim o professor deverá elaborar novas metodologias de trabalho.

A importância da educação especial para a formação do educador é fundamental.

O meio tem enorme influência no desenvolvimento tanto intelectual quanto sócio-emocional desta clientela, de fato o professor é responsável por grande do sucesso ou fracasso da mesma (MONTAAN, 1997 apud SANTOS, 2013, p. 14)

O professor que for trabalhar nesta área terá que adquirir conhecimento nas necessidades que este aluno terá, no entanto, o cuidado para com a criança não será apenas em sala de aula ou algo que acontece com apenas alguns dias ou menos, será contínuo e de muita paciência.

Uma definição mais ampla encontra-se na Convenção de Guatemala (1999), promulgada no Brasil pelo Decreto nº 3.956/2001:

O termo "deficiência" significa uma restrição física, mental ou sensorial, de natureza permanente ou transitória, que limita a capacidade de exercer uma ou mais atividades essenciais da vida diária, causada ou agravada pelo ambiente econômico e social. (BRASIL, 2001, Art.1).

Além da atenção com a criança, o professor terá que ter um olhar especial para o meio social a qual está criança está inserida, saber como é sua convivência familiar, pois para se ter um aprendizado e um desenvolvimento de qualidade deste, o professor deverá ir mais além de uma sala de aula, e assim podendo construir uma atividade especial que possa ser trabalhada com a criança em sala e fora dela, juntamente com o professor e o apoio da família.

Neste sentido, a preparação destes profissionais educadores para o trabalho de alunos portadores de autismo é de suma importância, pois o educador é um dos agentes responsáveis não somente por transmitir conteúdos pedagógicos, como também transmitir valores e normas sociais que possam inserir a criança na esfera simbólica do discurso social. Sendo assim, o trabalho com educadores deverá englobar, de forma permanente, programas de capacitação, supervisão e avaliação (SANT'ANA, 2005 p. 227-234).

O professor deverá ter em meta como ele quer o aluno no futuro, e com isso adquirir as ferramentas necessárias para se trabalhar com o seu desenvolvimento, pois grande parte da aprendizagem destas crianças será adquirida do professor, então é de grande importância que o professor se aperfeiçoe ainda mais em sua formação, procurar adquirir mais conhecimento, e assim saberá como e o que e trabalhar com esse aluno, respeitando o limite de cada um, dentro de suas necessidades especiais.

Cabe à escola priorizar a qualificação do professor que irá trabalhar com está criança, não somente na hora da contratação, mas também preparar os profissionais que estão mais tempo também necessitam de preparo para receber estes alunos em

sala, pois o professor além de transmitir o conteúdo terá que interagir a criança com o meio no qual ela está inserida, além de ser responsável pela aprendizagem desta criança.

Portanto, é de grande importância o preparo de pessoas, principalmente aqueles que irão trabalhar com a criança portadora de TEA, por não se relacionar, ter dificuldade na linguagem e em alguns casos serem até agressivo, o contato com elas torna-se difícil e por isso requer paciência, cuidado e dedicação, pois é um trabalho contínuo repetitivo, mas de recompensas satisfatórias.

Para Silva (2012, p. 109)

Para criança com autismo clássico, isto é, aquelas crianças que tem maiores dificuldades de socialização, comprometimento na linguagem e comportamento repetitivos, fica clara a necessidade de atenção individualizada. Essas crianças já começaram sua vida escolar com diagnóstico, e os estágios individualizados vão surgindo naturalmente. Muitas vezes, elas apresentaram atraso mental e, com isso, não conseguem acompanhar a demanda pedagógica como as outras crianças. Para essas crianças serão necessários acompanhamento educacionais especializados e individualizados.

Deixo claro que os casos de TEA não são iguais, cada um tem suas características e dificuldades, mas o professor deve estar preparado para lidar com todas elas, saber como proceder diante de situações ocorridas no cotidiano, como orientar esses alunos e procurar desenvolver uma relação para com eles.

O professor deverá procurar atividades que proporcione o seu bem-estar, tentar se aproximar da criança aos poucos, e o mais importante sempre respeitando seu espaço e limite, lembrando que para se obter uma resposta positiva, requer muito tempo e paciência, procurar saber o que agrada ou não a criança, e sempre manter uma boa relação com os pais e também pesquisar sobre o assunto ou o grau do caso do aluno.

No entanto, cabe ao professor saber como se comunicar com essa criança mesmo que seja trabalhando individualmente com ela, e assim o professor saberá qual o próximo passo a ser dado juntamente à criança, quais são seus limites e assim a criança poderá desenvolver uma certa confiança, mesmo sendo pouca, mas que haja contato entre aluno e professor, sem forçá-lo a qualquer tipo de reação ou situação.

[...] a dificuldade apresentada pela pessoa com autismo de se comunicar, tanto por meio da linguagem verbal, quanto da não verbal. Esta característica influencia a permanência do autismo no isolamento. Caso a linguagem não

seja estimulada para que ela se desenvolva, isso agirá na manutenção da permanência dele da socialização (PAPIM; SANCHES, 2013, p. 20).

A falta de comunicação verbal e não verbal do portador do TEA requer de suma importância uma atenção mais que especial do professor, a criança deve ser trabalhada constantemente, independente de que forma seja, o que importa é o educador estimular a linguagem da criança, não só para o convívio em sala, mas também em tudo, e assim ao desenvolvê-la, além de se expressar melhor, irá ajudá-la a demonstrar algo que possa estar acontecendo de errado.

Segundo Mantoan (2006) em seu livro intitulado “Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?” Conceitua o termo ‘integração escolar’ como a inserção de alunos com deficiência nas escolas comuns, ou seja, é colocar o aluno em contato com um sistema escolar seja através de classe regular ou de classe especial. A autora complementa que:

Nas situações de integração escolar, nem todos os alunos com deficiência cabem nas turmas de ensino regular, pois há uma seleção prévia dos que estão aptos à inserção. Para esses casos, são indicados a individualização dos programas escolares, os currículos adaptados, as avaliações especiais e a redução dos objetivos educacionais para compensar as dificuldades de aprender. Em suma: a escola não muda como um todo, mas os alunos têm de mudar para se adaptar às suas exigências. (MANTOAN, 2006, p. 18).

Da forma posta por Mantoan¹ (2006), nas situações de integração acaba sendo feita a exclusão dos alunos não aptos para a inserção em classes comuns, dando-lhes atendimentos e currículos diferenciados. Sendo assim, de acordo com a mesma autora, a integração representa o especial na educação.

Por outro lado, também segundo Mantoan (2006), a ‘inclusão escolar’ é incompatível com ‘integração escolar’ uma vez que a primeira exige uma inserção mais radical, completa e sistemática do que a segunda. A começar pelo fato que na proposta da inclusão, TODOS os alunos devem frequentar uma sala de aula comum do ensino regular, sem exceções, e ainda que os alunos com deficiência não tenham um atendimento e um currículo diferenciados dos demais discentes.

Além de promover à criança a comunicação como outro, por mínimo que seja o professor deve lembrar-se de que trabalhar com materiais de fácil compreensão e

¹ Maria Teresa Eglér Mantoan é pedagoga. Mestre e doutora em Educação pela Unicamp, é coordenadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diferença (Leped) e professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unicamp. Membro da Ordem Nacional do Mérito Educacional pelos relevantes serviços prestados à educação brasileira, dedica-se, nas áreas de docência, pesquisa e extensão, ao direito incondicional de todos à educação e à formação inicial e continuada de professores para assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência.

utilização como, pinceis, computadores, tornando-os uma atividade cotidiana e continua, mesmo que seu aprendizado para com eles seja de maneira “limitadora”, mas que esta faça com que desenvolva a sua comunicação.

Quando se trata de ter olhar amplo, principalmente com crianças de transtorno invasivos a atenção é voltada principalmente para o educador, no entanto o educador não deve apenas focar na dificuldade que aquela criança tem ou poderá ter em sala de aula.

Sendo que o educador é aquele que saberá que apesar das dificuldades que o aluno possa vir apresentar, o aluno retornará ao professor aquilo que lhe foi ensinado, pode não ser da maneira que o professor tenha passado, mas irá mostrar que aprendeu, apesar das dificuldades que uma criança com TEA pode ter, ela também pode apresentar um aprendizado ótimo, algumas habilidades extraordinárias, na qual outras crianças comuns não conseguem desenvolver.

No entanto, é evidente que nem todos possam ter, mas não quer dizer que não seja possível, caberá da vontade e estímulo do professor para com essa criança, sendo o conteúdo passado de maneira que a criança autista possa compreender sem que seja tratado como um incapaz, sem um olhar preconceituoso ele pode alcançar a aprendizagem e ir muito além dela. Cabe a todos verem que o autista tem muita dificuldade, mas que é um ser capaz de aprender e dependendo do caso, até ensinar.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9.394/96, deu maior destaque à Educação. Em seu capítulo V, que trata da Educação Especial.

Art. 58º. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.

§ 1º. Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.

§ 2º. O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.

§ 3º. A oferta de educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil.

Art. 59º. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:

I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização, específicos, para atender às suas necessidades;

II - terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

IV - educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora;

V - acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular.

Art. 60º. Os órgãos normativos dos sistemas de ensino estabelecerão critérios de caracterização das instituições privadas sem fins lucrativos, especializadas e com atuação exclusiva em educação especial, para fins de apoio técnico e financeiro pelo Poder Público.

Parágrafo único. O Poder Público adotará, como alternativa preferencial, a ampliação do atendimento aos educandos com 31 necessidades especiais na própria rede pública regular de ensino, independentemente do apoio às instituições previstas neste artigo.

Assim, não só a carga da família, mas também do educador e da instituição de ensino, a responsabilidade em inserir a criança com autismo na sociedade, para que ela possa interagir da forma mais próxima do normal possível. Para isso é necessário que os educadores estejam preparados para receber tal demanda e sua necessidade.

O educador deve estar preparado para manejar os recursos que dispõe a escola, sua sala de recurso e o conhecimento adquirido em capacitação, para realizar a educação do indivíduo de forma que ele atinja a meta estabelecida. Seu papel é estimular a criança para a formação do conhecimento.

Para que a educação de crianças com o TEA tenha um resultado proveitosos, faz-se necessários que a forma de ensinar seja separada para lidar com a diversidade que há nas salas de aula a fim de acolher adequadamente as manifestações do transtorno. Cunha (2012, p. 100), reforça que “não podemos educar sem atentarmos para o aluno na sua individualidade, no seu papel social na conquista da sua autonomia”.

Na realidade atual, a maioria das escolas regulares tem estruturas e metodologias precárias para se trabalhar com essas crianças, tornando-o sua inclusão mais difícil ainda, mesmo a família sendo participativa, pois se não houver estrutura adequada na escola, como ela poderá proporcionar o desenvolvimento e a aprendizagem desta criança? No entanto, cabe aos governantes priorizar a rede de ensino para a educação de crianças com transtornos invasivos, onde haja estrutura, ambiente, metodologia, participação da família no ambiente escolar e profissionais qualificados que saibam trabalhar e estimular seus alunos.

Portanto, se obtiver um resultado no desenvolvimento da criança com TEA é essencial à colaboração de todos, pois o que se for trabalhado com ela, as pessoas

que estiverem ao seu redor, darão continuidade no trabalho uma das outras, proporcionando continuidade em atividades e técnicas, para assim estimulá-las sempre que possível.

Como não há cura real para o autismo, os pais geralmente utilizam terapias alternativas e complementares. Embora alguns métodos tenham resultados positivos, não foram cientificamente provados para tratar o autismo. (COUTINHO, 2012, p. 72).

Apesar de serem diversos os métodos para se trabalhar com as crianças com TEA, não significa que eles possam curar, pois a TEA não tem cura, mas pode sim estimulá-las e colaborar para o seu desenvolvimento, aprendizado e interação com meio ao qual vive, ou estimular nelas algo no qual a desperte e tome em uma atividade que faça com que seja interessante para elas.

1.3 Deficiência: Desafios de Conceitos para Sociedades Antigas e Atuais

De acordo com Orrú (2012) atualmente o autismo é considerado como:

“Uma síndrome comportamental com etiologias múltiplas e curso de um distúrbio de desenvolvimento [...], é uma disfunção orgânica e não um problema dos pais [...] e é origem biológica.” (p. 21)

Orrú nos deixa claro que o autismo não é uma causa proveniente de má gestação e nem uma problemática entre os pais, e sim uma origem biológica, uma causa natural.

Galdino (2011) assegura que o autismo diferente de muitas outras doenças ou distúrbios, traz consigo muita complexidade, pois, quase nada se sabe sobre suas causas. Ele é determinado apenas, por conta de mínimos sintomas e características que vão surgindo ao longo do tempo. Como ainda não há total clareza a respeito do autismo, muitos cientistas e estudiosos de todo o mundo tentam buscar esses fatores causadores do mesmo.

Silva (2012) torna notável esta nova perspectiva sobre o autismo como sendo de fatores originadores e de desenvolvimento, respaldados nas neurociências, cujo estudo tem demonstrado:

Que indivíduos com autismo aparentam ter dificuldades nas áreas cognitivas de funções executivas. Essas funções são um conjunto de processos neurológicos que permitem que a pessoa planeje coisas, inicie uma tarefa, controle-se para continuar na tarefa, tenha atenção e, finalmente, resolva o problema. (p. 41)

Sendo que a evolução das classificações sobre o autismo permitiu que novas possibilidades fossem analisadas, entre elas, as funções executivas, que são responsáveis pela interação do indivíduo como ambiente, incluindo pessoas e objetos, e determinam sua ação.

Apesar do avanço sobre o tema, a etimologia do autismo ainda é fruto de discussões científicas. Entretanto, não exclui o diagnóstico neurobiológico, como descreve Rotta (2007):

Uma pessoa com comportamento que preenchem requisitos para o diagnóstico de autismo pode ter um exame cromossômico que de o diagnóstico de X frágil. Neste caso, os sintomas comportamentais seriam consistentes com o diagnóstico de autismo com todas as implicações que isso possa ter em manejo e prognóstico, e a causa biológica para essa síndrome comportamental seria a síndrome do X frágil, com as devidas consequências em termos genéticos e de prognóstico. (p. 427)

No entanto, Rotta, descreve que as “várias patologias associadas como TEA suportam a hipótese de que as manifestações comportamentais no autismo podem ser secundárias a uma variedade de insultos ao cérebro”. (ROTTA, 2007, p. 427).

Hoje, sabe-se que o autismo não é uma doença única, mas sim um distúrbio de desenvolvimento complexo, que é definido de um ponto de vista comportamental, que apresenta etiologias múltiplas e que se caracteriza por graus variadas de gravidade (ROTTA, 2007, p. 423).

Com isso, a característica multiface de autismo, que pode se manifestar de diferentes formas e intensidade, tendo o autismo como inter-relacionadas como um ponto comum. O diagnóstico pode demonstrar que o indivíduo se encontra na ponta do espectro e que por isso apresenta características leves da patologia e ou, estar no outro extremo do espectro e possuir características severas do transtorno.

1.4 Breve comentário da Educação Especial no Amazonas

No atual cenário, pode-se verificar que o Estado do Amazonas possui várias organizações não governamentais: (a) Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE; (b) Associação de Amigos do Autista no Amazonas - AMA/AM; (c) Associação Amazonense de Integração de Pais de Deficientes Mentais - ADEME; (d) Associação Pestalozzi do Amazonas; (e) Associação dos Deficientes Físicos do Amazonas - ADEFA entre outras (ONGs BRASIL, 2017; VINENTE, 2017).

No Amazonas, os registros de atendimento especializado no ensino regular são de 1982. Esse atendimento foi ofertado aos primeiros estudantes "deficientes mentais e auditivos", na Unidade Educacional Euclides da Cunha (BATISTA, 2015; JANNUZZI,

2004). Na literatura não há indícios de serviços de Educação Especial ofertados pelo Poder Público na região aos estudantes com deficiência após essa época. Dessa forma, observamos uma lacuna na cronologia até meados de 1970.

O atendimento aos alunos com necessidades educacionais especiais no Amazonas tem seu início por intermédio da iniciativa privada, onde implantou-se aqui no Estado o Instituto Montessoriano aproximadamente na década de 1970 (NASCIMENTO, 2007). Os primeiros professores da rede estadual foram especializados no Rio de Janeiro, por meio da Secretaria Estadual de Educação e do Ministério da Educação. Em 1972 organizou-se o atendimento educacional aos alunos com deficiência visual, auditiva e mental nas classes especiais implantadas nas escolas regulares da cidade de Manaus (NASCIMENTO, 2007 apud MATOS, 2013).

Segundo Oliveira e Marinho (2007) apud Matos (2013), essas classes marcaram o início da escolarização de pessoas que estavam longe da escola. Em 1975, a SEDUC implanta a Coordenação de Programa de Assistência ao Educando Especial, com uma equipe multidisciplinar especializada, posteriormente este trabalho foi estendido ao interior. A educação especial cresceu também devido à organização de serviços especializados que atenderam mais alunos com diferentes deficiências.

No entanto, A história da Educação Especial no Amazonas ainda é recente, principalmente no que se refere à produção científica nesta temática. Com isso, encontrar bibliografias que relatem sobre a Educação Especial é ainda escassa.

1.5 Currículo, método e estratégias para o ensino e aprendizagem dos sujeitos autistas

Segundo Carvalho (2008), o processo inclusivo tem características dinâmicas, flexíveis e temporais, a considerar que essas transformações são lentas. Com o decorrer do tempo, os alunos começam a ser incluídos em salas regulares, pois o movimento social para inclusão era grande, assim conquistando os direitos legais para receber atendimento e educação.

Segundo as “Recomendações para Construção de Escolas Inclusivas”, da Série Saberes e Práticas da Inclusão (BRASIL, 2008), como uma nova forma de educação escolar para formação social do aluno, a instituição também tem a responsabilidade de inserir a pessoa com autismo nos meios sociais da forma mais padrão possível, onde os educadores devem estar preparados para atender a demanda. O educador deve estar preparado com a capacitação para atender, manejar

recursos disponíveis na escola e para realizar a inclusão do aluno para que atinja o estabelecido, estimulando-o para receber o conhecimento (SPAGNOL, 2015).

Ainda segundo a autora, o aluno com autismo necessita de um profissional capacitado e com diretriz para ensinar e saber lidar com as diversidades em sala de aula para que assim o acolhimento ocorra de forma adequada. Para Cunha (2012, p. 100), “não podemos educar sem atentarmos para o aluno na sua individualidade, no seu papel social na conquista da sua autonomia”.

A Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva que visa constituir políticas públicas promotoras de uma educação de qualidade para todos os estudantes, com destaque para aqueles que necessitam de atenção diferenciada, como os que possuem deficiências, transtornos de desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação (BRASIL, 2008).

A luta pela inclusão, pouco a pouco, foi assumindo o espaço que merece a TEA. Em 27 de dezembro de 2012, foi sancionada pela Presidente da República, Dilma Rousseff, a Lei Nº 12.764 (Lei Berenice Piana), que prevê a política nacional da proteção dos direitos da pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Esta lei, no seu art. 1º, §2º, deixou claro que o indivíduo diagnosticado com o espectro autista é considerado pessoa com deficiência para todos os efeitos legais. Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com TEA - incluída nas classes comuns de ensino regular - terá direito a acompanhante especializado (BRASIL, 2012).

Segundo Cunha (2012, p. 8) o aluno com autismo não é incapaz de aprender, mas possui uma forma peculiar de responder aos estímulos, culminando por trazer-lhe um comportamento diferenciado, que pode ser responsável tanto por grandes angústias como por grandes descobertas, dependendo da ajuda que ele receber.

O Acompanhante Especializado é previsto pela legislação brasileira, especialmente na Lei nº 9394/96 (LDBEN), que prevê que os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação: currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender às suas necessidades. Além disso, a mesma lei adverte sobre a necessidade de professores com especialização (MARTINS et al., 2021).

CAPÍTULO II – METODOLOGIA

Neste capítulo, serão apresentados os procedimentos metodológicos, revisão de literatura que orientaram o presente estudo, assim descritos que contribuiu e enriqueceu o estudo em si, ou seja, esclarecer que na metodologia foram detalhadas com clareza os tipos de autores e trabalhos pesquisados e analisados. Este estudo seguiu a linha de pesquisa sobre a Educação Especial na perspectiva inclusiva.

As atividades científicas compreendem a organização de linhas regulares de projetos de pesquisa, a produção de trabalhos profissionais de comunicação, discussão e intercâmbio de informações e temas culturais, científicos, técnicos, que são realizados por grupos. (I PNPG, 1998, p. 22).

As obras analisadas foram de Bezerra (2017), onde sua obra foi sobre “Educação inclusiva: importância e dificuldades dos cuidadores no processo de desenvolvimento cognitivo das crianças com deficiência em Tabatinga-AM”; Saquiray (2017) sendo sua obra sobre “a importância do teatro na formação educacional de alunos com deficiências no Centro Integrado de Educação Especial (CIEEI) professora Esmeralda Aparício Negreiros no município de Tabatinga-AM”. Além de outros autores como Moreira (2005), Orrú (2012); Mantoan (2006), Galdino (2011), Rotta 2007).

Primeiramente, o estudo seria realizado em uma escola Municipal da cidade de Tabatinga-AM, onde a abordagem da pesquisa seria qualitativa, no qual consideraria a existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e sujeito, sendo alunos, professores e pais.

No entanto, devido a pandemia causado por um novo tipo de Coronavírus, denominado SARS-CoV-2, o vírus responsável pela atual pandemia do COVID-19 no ano do ano de 2019, as atividades presenciais desde então foram suspensas no mundo e no município. Com isso, no Estado do Amazonas, por meio do Decreto nº 42.061, de 16 de março de 2020, e posteriormente, no município de Tabatinga, a prefeitura municipal, por meio do Decreto nº 104/GP-PMT, de 17 de março de 2020, foi declarada situação de emergência na saúde pública no Estado e no município, decretando o fechamento de diversos estabelecimentos, bem como a suspensão de atividades escolares presenciais nas instituições públicas e privadas, incluindo os centros de educação infantil e as universidades (PROCURADORIA GERAL DO ESTADO; TABATINGA, 2020).

Sendo assim, o estudo foi modificado para uma pesquisa bibliográfica e para aprofundar os conhecimentos acerca da temática, buscou-se contribuições no acervo da biblioteca da Universidade Estadual do Amazonas (UEA), no *site Scielo*, no Google Acadêmico e autores que tem um conhecimento científico em torno da pesquisa. Em seguida buscou-se embasar o trabalho na pesquisa bibliográfica.

Segundo (MANZO 1971, p. 32), a pesquisa bibliográfica pertinente “oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficiente”.

Já Prodonov e Freitas (2013, p. 54):

Quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa.

De tal forma, o conhecimento científico propicia condições para a compreensão do mundo, da realidade a qual estamos inseridos e das relações de produção entre o homem e a natureza (MARCONI; LAKATOS, 2006). Não se pode pensar em educação especial na perspectiva da educação inclusiva, sem levar em consideração o processo de exclusão/segregação de crianças, adultos, negros, mulheres e pobres ao longo da história da civilização brasileira (BRASIL, 2008; MATOS, 2008; MAGALHÃES, 2011; VINENTE, 2013).

Para Gil (2010, p. 45), a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.

Nesta pesquisa também se utilizou a pesquisa documental, por se considerar que há uma necessidade extrema desta fase para ampliação dos subsídios teórico-metodológicos, no que permitiu no aprofundamento da área da pesquisa, sendo desenvolvida a partir de materiais já elaborados e publicados.

CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para a obtenção dos dados, foram analisados os trabalhos sobre a temática em questão, que são: Pinho (2018) que trabalhou sobre “Contribuições do uso de atividades lúdicas em sala de aula, para o desenvolvimento e aprendizagem de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA)”, Martins (2021), Silva (2012), Bezerra (2017), onde sua obra foi sobre “Educação inclusiva: importância e dificuldades dos cuidadores no processo de desenvolvimento cognitivo das crianças com deficiência em Tabatinga – AM”; Saquiray (2017) sendo sua obra sobre “a importância do teatro na formação educacional de alunos com deficiências no Centro Integrado de Educação Especial (CIEEI) professora Esmeralda Aparício Negreiros no município de Tabatinga/AM” e Santos (2013). Todos estes autores e trabalhos sobre a temática em estudo foram analisados, separados em três tópicos, comparados e discutidos, no qual é demonstrado a seguir.

3.1 Histórico e conceito: O transtorno do Espectro Autista

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é considerada uma síndrome comportamental desde seu nascimento, manifesta-se invariavelmente até seus dois anos de idade.

O Transtorno do Espectro Autista teve sua descoberta há pouco tempo na história das psicologias do desenvolvimento. Inicialmente foi considerado pelo psicanalista Bruno Bettelheim, como uma doença relacional, com o foco do problema na relação didática, mãe-bebê, originando a expressão “mãe geladeira”, e sua causa associada a fatores ambientais. Porém, na atualidade, considera-se o autismo como de ordem multifatorial, com etiologias variadas e de origem neurológicas (MOREIRA, 2005, p. 56).

O autismo surge na década de 1940, diagnosticado pelos psiquiatras Leo Kanner e Hans Asperger², sendo investigados por cada um deles, grupos diferentes de crianças, as quais apresentavam sintomas bastante diferenciados.

Kanner estudou um grupo de crianças retardadas mentais, estas apresentavam convulsões e sintomas neurológicos (movimentos repetitivos, tiques, balanços, giros,

² Léo Kanner e Hans Asperger foram os primeiros médicos a estudar as crianças que anteriormente eram rotuladas de retardadas, com problemas sociais e emocionais (PERORAZIO, 2009). Pioneiros na pesquisa no **autismo**, eles estavam trabalhando separada nos anos 40. Asperger descreveu crianças muito capazes quando Kanner descreveu as crianças que eram severamente afetadas.

brincadeira com os dedos, problema com coordenação e equilíbrio, distúrbios linguísticos, dentre outros.), ele acreditava também que o autismo era desenvolvimento da doença nas crianças que eram geradas por mães com comportamento frio, áspero (mãe geladeira) e por anos acusou-se as mães de serem culpadas pelo desenvolvimento da doença nas crianças, um fator biológico o qual foi revertido na década de 60, quando estudos apontaram que o autismo é uma doença genética, sendo esta heterogênea, certos momentos dominante e outros recessivo, podendo ser consequências de problemas metabólicos ou mecânicos.

Asperger por sua vez examinou crianças com menos problemas neurológicos, que se comportam de forma normal, crianças conhecidas pelo auto desempenho, a qual ficou denominado como a síndrome de Asperger, com características bem diferentes do autismo clássico, com comportamentos e ações menos agressivos.

Porém, o trabalho de Hans Asperger permaneceu desconhecido até meados de 1980, quando Lorna Wing analisa os artigos de Asperger, e passa a estabelecer semelhanças entre os dados obtidos pelo grupo de crianças estudo por ele, e os estudos realizados nos Estados Unidos e Inglaterra.

No entanto, Lorna, reconhece que ambos os estudos apresentam pontos em comum. De acordo com seus artigos descreve o conceito de Espectro Autista, que será adotado para se referir aos sintomas presentes no transtorno, e seu trabalho contribui para incorporar a Síndrome de Asperger ao Transtorno Global de Desenvolvimento (TGD).

3.2 Definição de métodos e estratégias com crianças do TEA

Já foram desenvolvidos métodos e instrumentos que podem facilitar a aprendizagem do aluno com TEA e, conseqüentemente, seu processo inclusivo. Embora, estes recursos não tenham sido criados, inicialmente, para a escola regular, nada impede que possam ser utilizados em prol da inclusão das crianças com TEA dentro das salas regulares. Aqui destacamos o ABA, o PECS e o TEACCH (MARTINS et al., 2021).

O ABA (Análise Aplicada do Comportamento) trata-se de um método que consiste basicamente em mudar os comportamentos inadequados por comportamentos funcionais positivos. Ele também pode ser usado de forma mais naturalista, com o Modelo Denver, que usa técnicas para reforçar dentro da própria atividade, para motivar a criança (MARTINS et al., 2021). Conforme Silva (2012, p.

104): “isso envolve criar oportunidades para que a criança possa aprender e praticar habilidades por meio de incentivos ou reforços positivos, ou seja, premiá-la e elogiá-la a cada comportamento realizado de forma adequada”.

Para os que utilizam o ABA, quando a recompensa é utilizada de forma consistente, a criança com TEA tende a repetir a mesma resposta. Nesse sentido, a repetição é algo importante para esse tipo de abordagem. Utilizando a mesma lógica, as ações negativas como as birras, não são recompensadas para que não sejam valorizadas e reforçadas. Desse modo, o comportamento negativo tende a desaparecer, pois não alcança o objetivo (MARTINS et al., 2021).

O método TEACCH (*Treatment and Education of Autistic and related Communication-handicapped Children*) é um modelo de intervenção que exige toda a estruturação do espaço em prol das aprendizagens (SILVA, 2012).

Outro modelo de intervenção é o Sistema de Comunicação por Troca de Figuras PECS (*Picture Exchange Communication System*), que utiliza a troca de figura para estabelecer a compreensão e acelerar os estímulos. Utilizado como tratamento psicoterápico, este modelo, tem a função de estimular a criança através de exercícios que reprogramam comportamentos para que o cérebro reorganize para novos aprendizados, ou seja, é um tratamento voltado para estimular a criança a aprender, utilizando técnicas que a criança se sinta bem em praticá-las. Este método varia desde atividades básicas como um simples fato de ir ao banheiro. Neste a criança é estimulada e oferece ao professor ou responsável por ela, a figura correspondente à ação desejada, facilitando assim, a comunicação entre ambas (MARTINS et al., 2021).

3.3 Utilização de métodos pelos professores em sala de aula com sujeitos do TEA

As considerações trazidas quanto à relevância dessas atividades para a alfabetização também corroboram para perceber sua importância para as crianças com TEA, que necessitam de constante motivação para desenvolver suas habilidades e competências (PINHO, 2018). É importante, no entanto, acompanhar a evolução da criança com TEA, em relação ao seu nível de aquisição de escrita, para propor atividades adequadas, dentro do ambiente inclusivo (PINHO, 2018).

Pode-se pensar que as atividades lúdicas são capazes de despertar, nas crianças com TEA, o prazer por aprender, o autoconhecimento, além de elevar sua autoestima e nível de autoconfiança. As trocas estabelecidas a partir das interações

com os pares podem auxiliar na resolução de problemas, na superação de conflitos e a participação ativa em seu contexto, favorecendo a aprendizagem (PINHO, 2018). Pensando nos desafios enfrentados para incluir com qualidade uma criança com TEA no espaço escolar, é fundamental refletir sobre a importância do prazer e da motivação para atingir o aprendizado de tal criança, pois, quanto mais divertida e interessante for a tarefa, maior será o tempo de engajamento da criança (SANTOS, 2016).

O trabalho com atividades lúdicas promove o aprender de maneira organizada e prazerosa, além de permitir a identificação de habilidades e possíveis dificuldades que os alunos possam apresentar em seu processo de alfabetização (SOARES, 2016). Piaget (1979) considera que as atividades lúdicas são fonte de significação, na medida em que a criança tem a possibilidade de explorar e manipular materiais variados, passando a reinventar sua realidade, reconstituindo suas vivências e atribuindo significado as suas experiências, transformando essas atividades (concreto) em linguagem escrita (abstrato) e, assim, evoluindo em seu desenvolvimento educativo.

Outro método bastante utilizado é da educação tecnológica, que é a Tecnologia Assistiva (TA), suas concepções ao longo do tempo, sua construção atual, principalmente no Brasil e como pode auxiliar crianças com o espectro autista nas escolas.

A definição realizada pela *Technology-Related Assistance for Individuals with Disabilities Act* de 19881, chamado de Ato Tecnológico, diz que a TA refere-se a "qualquer ajuda diretamente para uso individual na seleção, aquisição, ou uso de uma ferramenta de tecnologia assistiva" (BOUCK, 2007, p. 32), podendo essa ser "um item, peça de equipamento, ou sistema de produto, modificado ou customizado, que seja usado para incrementar, manter ou melhorar a capacidade funcional de indivíduos com deficiência, (MARTINS, 2021)".

Sendo assim, ainda segundo Martins (2021, p. 16):

A formação docente tem como principal objetivo a preparação dos profissionais do curso de licenciatura para ingressar no mercado de trabalho e assumir uma dimensão pedagógica fundamentada. No processo de formação inicial é possibilitada ao aluno de licenciatura uma reflexão baseada nos documentos legais e de aparato teórico que facilitem o entendimento dos casos e relatos encontrados no universo escolar, contribuindo assim para entender os problemas existentes.

Com isso, Silva (2012, p. 112), vem trazer uma realidade bastante vivida no meio educacional inclusivo dos últimos tempos, e aponta os diversos tipos de

esgotamento que os professores hoje são acometidos ao lidar com vinte a trinta alunos dentro da sala de aula e ainda se preocupar com um aluno com necessidades específicas que lhe é confiado. Enfatiza ainda que “além do preparo técnico e pedagógico, os professores precisam de suporte psicológico e uma boa relação com as famílias para lidarem com os desafios da inclusão”.

De tal forma, a Declaração da Salamanca:

É preciso repensar a formação de professores especializados, a fim de que estes sejam capazes de trabalhar em diferentes situações e possam assumir um papel-chave nos programas de necessidades educativas especiais. Deve ser adaptada uma formação inicial não categorizada, abrangendo todos os tipos de deficiência, antes de se enveredar por uma formação especializada numa ou em mais áreas relativas a deficiências específicas. (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p. 27 apud MARTINS, 2021)

À medida que se conhece o TEA, se entende que alguns possuem um grau de hipersensibilidade bem elevado e isso lhe causa bastante sofrimento, pois, o que para nós é algo normal no dia a dia escolar, para eles poderá parecer insuportável, como falar alto ou simplesmente tocá-lo. Por isso, na escola, os professores precisam estar atentos para esses sinais a fim de buscar diversas formas de promover a interação entre a criança com TEA e os demais da sala, propondo sempre atividades que favoreçam contato, sem forçar (MARTINS, 2021).

Os professores poderão sempre que possível, em meio às atividades de classe, introduzir figuras para facilitar o entendimento da criança com TEA, e para estreitar os laços entre professor e aluno. É válido inserir a criança com TEA nas atividades de rotina, bem como em todas as atividades programadas. No entanto, sem dispensar as adaptações. Uma forma de integrar a criança com TEA na sala é convidá-la a ajudar em pequenas tarefas (como entregar folhas de papel para as demais crianças), uma vez que, essa pequena tarefa poderá trazer grande interação com os demais. Do mesmo modo, as crianças da turma precisarão ser sempre reforçadas a respeitar e ajudar a criança com TEA, para que a mesma possa se sentir acolhida no ambiente escolar (SILVA, 2012, p. 81).

3.4 A trajetória da Educação Especial e da Educação Inclusiva no município de Tabatinga-AM

A educação especial em Tabatinga nasceu do sonho de alguns educadores que buscavam dar uma educação especial a um público que tinham pouco acesso à escola pública. Com o propósito de mostrar que seria possível fazer algo diferente,

com pessoas, ditas muitas vezes sem condição de aprendizagem criou-se o Centro Integrado de Educação Especial e Inclusiva Professora Esmeralda Aparício Negreiros - CIEEI inaugurado no dia 29 de maio de 2004, sob administração do então Prefeito Raimundo Nonato Batista (BEZERRA, 2017).

O CIEEI, como é chamado carinhosamente surgiu a partir da vinda da Universidade Federal do Amazonas à Tabatinga com o Curso de Pedagogia, quando, a partir da disciplina “Educação Especial” que, impulsionou e conduziu a turma de acadêmicos a realizar estudos, mapeando a quantidade de pessoas com deficiência existentes no município. Para tanto, organizaram o 1º Seminário de Educação Especial no Município de Tabatinga e, assim foi constatado um grande número de pessoas portadoras de necessidades especiais. Esse fato incentivou a preocupação e despertou o desejo de se fazer algo de concreto para fazer valer a lei que entrou em vigor em 1996 (BEZERRA, 2017).

Com o objetivo de efetivar as condições da educação especial no município, e com a perspectiva de permitir aos alunos a conquista do seu espaço enquanto sujeito de sua construção como pessoa, no resgate da cidadania, reuniram-se 06 acadêmicas do Curso de Pedagogia que planejaram e elaboraram uma pequena proposta, que foi encaminhada ao Secretário de Educação da época, professor Adalberto Augusto Pereira do Nascimento que, juntamente com o prefeito Raimundo Nonato Batista deram o primeiro passo rumo à criação do tão sonhado Centro 22 Integrado de Educação Especial e Inclusiva, contando com uma equipe de profissionais multidisciplinar da cidade de Letícia para capacitar professores da rede municipal de ensino (BEZERRA, 2017).

Desse modo com a aprovação e contribuição da prefeitura, inaugurou-se em 29 de maio de 2004, com o nome de Centro Integrado de Educação Especial Professora Esmeralda Aparício Negreiros – CIEE esta referida Instituição de ensino, que mais tarde, com a lei municipal de nº 740/2015, de 10 de novembro de 2015 foi alterada sua nomenclatura para “Centro Integrado de Educação Especial e Inclusiva Professora Esmeralda Aparício Negreiros – CIEEI”, uma vez que atende pessoas com deficiência e promove a inclusão. No início de seus atendimentos, o CIEEI foi dirigido por uma equipe de colombianos especializados no atendimento a pessoas com deficiências, que constava dos seguintes profissionais: psicopedagogo, psicólogo, fonoaudiólogo, fisioterapeuta, terapeuta ocupacional, terapeuta vocacional e professores (BEZERRA, 2017).

3.5 Inclusão de alunos no Centro Integrado de Educação Especial e Inclusiva Esmeralda Aparício Negreiros

Centro Integrado de Educação Especial (CIEEI) Professora Esmeralda Aparício Negreiros no Município de Tabatinga-AM, situado na Rua Duarte Coelho, nº 125, Bairro Nova Esperança. A qual mudou sua sigla para Centro Integrado de Educação Especial e Inclusiva (CIEEI) pelo fato de incluir pessoas de todos os tipos de deficiências na sociedade e na escola (SAQUIRAY, 2017).

O Centro Integrado de Educação Especial e Inclusiva (CIEEI) é uma escola de apoio às crianças com deficiências de vários graus e tipos. Seu espaço é alugado pela prefeitura da cidade e tem se responsabilizado pelos professores que ali se encontram. Sua estrutura não é a mais conveniente por falta de uma boa estrutura, mas é uma grande conquista de alguns professores que lutam por uma educação de qualidade para as crianças com deficiências (SAQUIRAY, 2017).

O CIEEI tem oferecido atendimentos para crianças com deficiências que já estão incluídas nas escolas regulares e outras que somente estudam no centro. O CIEEI é de grande importância para a cidade de Tabatinga, pois através dela muitas crianças têm saído do anonimato e desenvolvido seus potenciais educacionais e pessoais (SAQUIRAY, 2017).

O Centro busca conscientizar e sensibilizar a sociedade de Tabatinga para valorização do ser humano como um todo, deixando todo preconceito e encarar os deficientes não como “coitados”, mas como homens e mulheres capazes de serem inseridas na sociedade como qualquer outra pessoa (SAQUIRAY, 2017).

O Centro oferece oficinas de teatro, danças, pinturas, libras, artes e estimulação. Possui alguns profissionais como: psicóloga, fisioterapeuta, fonoaudióloga e psicopedagoga que dão apoio a todos os discentes de acordo com a necessidade de cada um. Por ser um local que recebe pessoas com diversas necessidades e deficiências é importante estabelecer parcerias com outras ciências para que contribuam para uma educação de qualidade, principalmente pessoas com deficiências (SAQUIRAY, 2017).

Depois de muitas lutas e conquistas dos profissionais de ensino que estão inseridos no Centro, atualmente a escola conta com profissionais competentes em diferentes áreas da educação e da ciência. Para trabalhar com alunos com deficiências é necessária uma diversidade de apoio e contribuição, como

fisioterapeuta, fonoaudiólogo, psicólogo, entre outros. Porque suas necessidades são diversas como deficiência física, mental, síndrome de Down, entre outros. Infelizmente o Centro Integrado não possui uma estrutura adequada para alunos com deficiências, dificultando assim o desenvolvimento do aluno. Mas, nada que impeça que os professores renovem suas metodologias de ensino para trabalhar essas dificuldades (SAQUIRAY, 2017).

As aulas funcionam como oficinas onde os alunos fazem rodizio de sala para aproveitar melhor os conteúdos programados. Cada dia começa com uma reflexão sobre a importância das potencialidades dos alunos no meio social, com músicas, orações, leituras de poemas. Em seguida todos são distribuídos por turmas A, B, C e D e o mesmo se repete depois do intervalo (SAQUIRAY, 2017).

Durante os períodos, os alunos são auxiliados pelos profissionais como psicóloga, fonoaudióloga, e fisioterapeuta com dias programados para cada um. Durante a semana, cada turma apresenta durante as reflexões, peças teatrais, poesias, jogos, entre outros. É necessário que os alunos se sintam valorizados pelo que fazem e constroem para vejam suas importâncias na vida da escola. Não podemos desvalorizar um mínimo avanço do aluno com deficiências, sem a ideia de avaliação formativa (SAQUIRAY, 2017).

Todas as sextas-feiras são destinadas à educação física na escola ao cinema para integrar os alunos. A escola possui um PPP que todo ano é revisado para melhor aplicação e correção. É fundamental que uma escola tanto regular como Especial tenham um PPP – Projeto Político Pedagógico bem definido e estruturado para que se tenham um horizonte para se trabalhar durante todo período letivo (SAQUIRAY, 2017).

Todas as atividades e conquistas dos alunos estão expostas em sala de sala para mostrar que são capazes de realizar e enfrentar suas dificuldades (SAQUIRAY, 2017).

Estão presentes em sala de aula todos os projetos da escola voltados para os contos de fadas feitos pelos alunos colados na parede, conquistas teatrais, o alfabeto em libras coloridos e seus significados, histórias, fantoches (SAQUIRAY, 2017).

Todos os recursos citados com exceção do alfabeto em libras que não é fácil, todos ocupam um espaço onde todos os alunos podem manusear ler e explorar. A sala de aula deve funcionar como uma grande exposição das conquistas dos alunos levando eles a compreenderem seu valor e seus talentos (SAQUIRAY, 2017).

Em relação às crianças, a maioria é de bairros mais pobres da cidade de Tabatinga com dificuldades econômicas claras e dependem literalmente dos programas de ajuda do governo. Demonstram uma cultura totalmente amazônica, filhos de classes pobres que não demonstram sinais de uma vida regalada ou abastarda. No centro podemos encontrar crianças de diferentes nacionalidades como principalmente peruanos e brasileiros. A inclusão educacional a abrange a todos não importando sua raça, cor ou etnia (SAQUIRAY, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo investigar as metodologias do ensino utilizadas pelos professores no processo de aprendizagem da criança autista através de levantamento bibliográfico. Já que por pesquisa exploratória não foi possível, devido a pandemia causada por um novo tipo de Coronavírus, denominado SARS-CoV-2, o vírus responsável pela atual pandemia do COVID-19 no ano de 2020, as atividades presenciais desde então foram suspensas no mundo e no município.

Observou-se que mesmo em um país em desenvolvimento como o Brasil, onde somente a economia é vista como a única coisa a crescer, outros assuntos deixam a desejar, ainda mais no que diz respeito a inclusão. Assim como qualquer assunto novo, gera incomodo e, posteriormente provocando resistência, ao mesmo tempo despertando simpatia e críticas, mas o maior desafio está dentro da sala de aula, onde o professor poderá compreender a complexidade, mas ao mesmo tempo encontrar soluções simples para tais métodos utilizados no ensino-aprendizagem em crianças com TEA.

Com a pesquisa evidenciou-se também que no Estado do Amazonas são poucos os estudos a respeito do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), há vários estudos sobre outros temas, como: deficiência auditiva, visual ou motora. Além do mais, a Educação Especial somente foi enfatizada na década de 1970 e ainda possui um longo caminho, principalmente na área de estudo.

E mais a fundo há o município de Tabatinga-AM, que mesmo que haja uma escassez de estudos sobre o tema, a referida cidade possui um Centro chamado de Centro Integrado de Educação Especial e Inclusiva Professora Esmeralda Aparício Negreiros – CIEEI, e mesmo com toda a dedicação para com as crianças, onde cada uma possui suas peculiaridades o trabalho ainda é lento, no que diz respeito a infraestrutura que o Centro possui, sendo inadequado por conta do pequeno espaço disponível, tendo em vista que para trabalhar com estas crianças necessita-se de espaço e muita dedicação.

No que diz respeito ao desenvolvimento de métodos e instrumentos observou-se e analisou-se através das bibliografias pesquisadas que estes recursos, embora tenham sido criados para o ensino regular, sendo o ABA (Análise Aplicada do Comportamento), no qual trata-se de um método que consiste basicamente em mudar os comportamentos inadequados por comportamentos funcionais positivos; o PECS

que é o Sistema de Comunicação por Troca de Figuras ou (*Picture Exchange Communication System*), que utiliza a troca de figura para estabelecer a compreensão e acelerar os estímulos; e o TEACCH (*Treatment and Education of Autistic and related Communication-handicapped Children*) que é um modelo de intervenção que exige toda a estruturação do espaço em prol das aprendizagens. E assim, também pode ser utilizada para a inclusão de crianças com deficiências, e crianças com TEA, ainda mais em salas regulares de ensino.

Os métodos utilizados pelos professores em sala de aula com sujeitos TEA é bastante diversificado, variando dos materiais disponíveis a eles ou o que eles possuem mais facilidade de manusear e lecionar. Como demonstrado, seja com materiais lúdicos ou materiais tecnológicos, mas claro para que isso ocorra deve existir uma ação conjunta, não adianta o professor trabalhar assim, se ele não possuir apoio tanto de material quanto de pessoal. O preparo destes docentes também é de suma importância, pois eles como educadores e transmissores de conhecimento, onde ajudam a moldar o sujeito crítico para a sociedade, e não somente o sujeito tido como “normal”, mas também os excepcionais.

Portanto, este trabalho refletiu desde o histórico da Educação Especial no Brasil, expondo desde então o quão ela foi discriminada e deixada de lado, pois no papel muito se poderia fazer, porém onde se via refletir a desigualdade ou descaso era, ou melhor dizendo, ainda é no dia a dia. Que mesmo todos os avanços da ciência, de alguns pensamentos, a Educação Especial é tida como segundo plano, ocasionando o professor não pensar diretamente a métodos diferenciados a sujeitos do TEA. Ainda mais que estudos sobre estes sujeitos são muito recentes e assim são poucas os trabalhos. Com isso, espera-se que este trabalho contribuía para que mais adiante o olhar para a Educação Especial, aos sujeitos TEA e aos professores que contribuem para eles e que seja mais intensificado, possibilitando melhores condições de ensino e trabalho.

REFERÊNCIAS

- BARROS, A. J. P. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**/Aidil de Jesus Paes de Barros, Neide Aparecida de Souza Leheld. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.
- BATISTA, C.P. **Política pública de inclusão: atendimento de educandos com deficiência visual no município de Manaus/AM**. 2015. 123f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015.
- BEZERRA, C. G. **Educação inclusiva: importância e dificuldades dos cuidadores no processo de desenvolvimento cognitivo das crianças com deficiência em Tabatinga – AM**. Trabalho de Conclusão de Curso TCC na Universidade Estadual do Amazonas, Curso de Licenciatura em Pedagogia. Tabatinga-AM, 2017.
- BOUCK, E. C. **Tecnologia Assistiva**. Los Angeles: Sage Publications, Inc, Assistive Technology, 2016. 326 p.
- BRASIL. Constituição (1988). Decreto Nº 3.956, de 8 de outubro de 2001. **Promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência**. Guatemala: 2001. Disponível em:<http://www.portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/decreto3956.pdf>. Acesso em 15 maio.2019.
- BRASIL. **Diretrizes Operacionais do Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial Brasileira**, 2009. Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996
- BRASIL. Política Nacional de Educação na Perspectiva Inclusiva. **MEC**, Brasília, 2008.
- BUENO, J. G. S. **Educação especial brasileira: integração/segregação do aluno diferente**. São Paulo: Educ, 1993.
- CANZIANI, M. L. **Crianças Deficientes, Psicodiagnóstico**. Educação. Porto Alegre - RS - 1995.
- CARVALHO, M. A. F. C. **Formação de professores em educação de adultos. Estudo de caso: o ensino recorrente na escola secundária Rodrigues de Freitas**. Universidade de Santiago de Compostela, 2008.
- COUTINHO, A. F. O. **Interação Mãe-Criança Autista em situação de brincadeira livre e computador**. Rio Grande do Sul: (TESE), 2012.
- CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.
- CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

FARIA FILHO, L. M. **Para entender a relação escola-família: uma contribuição da história da educação.** São Paulo em perspectiva, São Paulo, v. 14, n. 2, abr-jun. 2000. Disponível em: Acesso em: 11 jun. 2021.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa.** 2 Ed. Porto Alegre: Bookman, 2004

GALDINO, M. J. **A inclusão educacional de um aluno com autismo em uma escola de ensino fundamental do município de Arapiraca.** Arapiraca: 2011.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia.** Petrópolis: RJ, Vozes, 1992.

I PNPG. I Plano Nacional de Pós-Graduação: 1975. **Infocapes/ Boletim Informativo da Capes**, v. 6, n. 1, p. 12-50, 1998.

JANNUZZI, G. **A luta pela educação do deficiente mental no Brasil.** Campinas: Editores Associados, 1992.

JANNUZZI, G.M. **A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI.** Campinas: Autores Associados, 2004.

LAKATOS, E. M. **Fundamento de metodologia científica.** 6ª ed. São Paulo: Atlas 2008 p. 74.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MAGALHÃES, R. C. B. P. (Org.). **Educação Inclusiva: escolarização, política e formação docente.** Brasília: Líber, 2011.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São

MANZO, Aberlado J. **Manual para la preparación de monografias:** uma guia para apresentar informes y tesis. Buenos Aires: Humanitas, 1973.

MARTINS, F. M.; PAZ; L. R. B.; ARANTES, S. L. F. **As tecnologias assistivas como ferramentas de ensino e aprendizagem para crianças autistas: percepções de professores e estagiários.** Piracanjuba-GO Editora Conhecimento Livre, 2021.

MARTINS, J., & BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos.** São Paulo: Moraes, 1994.

MATOS, M. A. S. **Cidadania, diversidade e educação inclusiva: um diálogo entre a teoria e a prática na rede pública municipal de Manaus.** Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008. 229 f.

MATOS, M. A. S.; JUNIOR, S. V. S. **A produção científica em educação especial no Amazonas: análise das publicações do programa de pós-graduação em**

educação (PPGE/UFAM) entre 1988 e 2012. Londrina de 05 a 07 novembro de 2013.

MAZZOTTA, M. J. S. **Educação especial no Brasil: história e políticas públicas.** São Paulo: Cortez, 1996.

MENDES, E. G. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 33, set-dez. 2006. Disponível em: Acesso em: 11 jun. 2021.

MENDES, E. G. **Bases Históricas da Educação Especial no Brasil e a perspectiva da Educação Inclusiva.** (texto produzido para a disciplina Educação Especial no Brasil) - mimeo, 2000.

MENDES, E. G. **Bases históricas da educação especial no Brasil e a perspectiva da educação inclusiva.** 2001. 78p. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2001.

MIRANDA, A. A. B. Educação Especial no Brasil: desenvolvimento histórico. **Cadernos de História da Educação** – n. 7 – jan./dez. 2008.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa.** São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

MOREIRA, P. S. T. **Autismo: a difícil arte de educar.** Universidade Luterana do Brasil – Ulbra – Campus Guaíba – RS, 2005.

OMOTE, S. **Comunicação e relações interpessoais.** Educação, Universidade e Pesquisa, organização de Kester Carrara. Marília: UNESP - Marília: Publicações; São Paulo: FAPESP, 2000.

OMOTE, S. Normalização, integração, inclusão. **Revista Ponto de Vista**; v.1, n.º 1, p. 4-12, 1999.

ONGS BRASIL. ONGs em Manaus. Disponível em: <http://www.ongsbrasil.com.br/default.asp>. Acesso em: 11 jun. 2021.

ORRÚ, E. S. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar.** Rio de Janeiro: Wak, 2012.

PAPIM, A. A. P.; SANCHES, K. G. **Autismo e Inclusão: levantamento das dificuldades encontradas pelo professor do atendimento educacional especializado em sua prática com crianças Autistas.** 2013. Faculdade de Pedagogia Unisalesianos de Lins - SP, 2013.

PAULON, S. M; FREITAS, L. B. L.; PINHO, G. S. **Documento subsidiário à política de inclusão** – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005.

PERORAZIO, D.; **Meu guerreiro famoso.** 1 ed, São Paulo: Biblioteca, 2009.

PIAGET, J. **O estruturalismo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 1979.

PINHO, M. C. P. **Contribuições do uso de atividades lúdicas em sala de aula, para o desenvolvimento e aprendizagem de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) : uma intervenção no contexto escolar**. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo – ASPEUR. Universidade Feevale. 2º Ed. Novo Hamburgo - Rio Grande do Sul – Brasil, 2013.

ROTTA, N. T. **Transtorno de aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar**. Porto alegre: Artmed, 2007.

SANT'ANA, I. M. Educação Inclusiva: Concepções de Professores e Diretores. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 2, p. 227-234, maio - ago. 2005.

SANTOS, E. C. **Linguagem Escrita e a criança com Autismo**. Curitiba: Editora Appris, 2016.

SANTOS, N. P. **O desenvolvimento intelectual da criança com autismo e o método TEACCH**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Licenciatura em Pedagogia. Faculdade Método de São Paulo, 2013.

SAQUIRAY, M. L. **A importância do teatro na formação educacional de alunos com deficiências no Centro Integrado de Educação Especial (CIEEI) professora Esmeralda Aparício Negreiros no município de Tabatinga/AM**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentada a Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Licenciatura em Pedagogia. Tabatinga-AM, 2017.

SOARES, M. **Alfabetização: A Questão dos Métodos**. São Paulo: Ed. Contexto, 2016.

SILVA, A. B. B. **Mundo singular: entenda o autismo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SPAGNOL, A. G. **Conhecendo as opiniões de professoras de uma instituição social sobre o aluno com transtorno do espectro autista**. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED/IP – UnB/UAB. Brasília-DF, 2015.

TABATINGA, Portal. Declara a situação de alerta na saúde pública no município de Tabatinga, tendo em vista o **Decreto nº 42.061 /2020** do Governo do Estado do Amazonas, assim intensifica as medidas de prevenção do contágio do Coronavírus, e dá outras providências [Internet] Tabatinga (AM); 2020. Disponível: <https://www.portaltabatinga.com.br/wp-content/uploads/2020/03/DECRETO-104-2020-PANDEMIA.pdf.pdf>. Acessado: 11 jun. 2021.

VIDAL, D. G., FARIA FILHO, L. M. História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, jul. 2003. Disponível em: Acesso em: 11 jun. 2021.

VINENTE, S. et al. A produção científica em educação especial na região Amazônica: um estudo com base nas publicações do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UFAM. In: Seminário internacional Inclusão e Participação. Universidade Federal do Rio de Janeiro/Brasil. **Anais**. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 2013. p. 497-510.

VINENTE, S.; OLIVEIRA, S.S.B. Implementação do Atendimento Educacional Especializado e a formação de gestores na capital amazonense. **Revista Ibero - Americana de Estudos em Educação**, v.12, n.1, p.507-528, 2017.